

Fórum futuro: Brasil e Portugal

Perspetivas de Futuro

Lisboa, 23 de junho 2022

Saúdo todos os presentes, e muito em particular quero sublinhar a presença entre nós daqueles que foram os mais altos magistrados da nação, no Brasil e em Portugal, Presidente Michel Temer, Presidente Ramalho Eanes, Presidente Cavaco Silva.

Saúdo igualmente a Fundação Calouste Gulbenkian que hoje nos acolhe, na figura do seu Presidente Professor António Feijó, e os Senhores Embaixadores que me acompanham nesta sessão de abertura.

É um prazer e uma honra participar em um dos eventos dedicados à celebração do bicentenário da independência do Brasil, que na perspetiva de um Ministro de Negócios Estrangeiros significa o bicentenário de relações fraternas entre dois países independentes e soberanos.

Portugal e o Brasil têm efetivamente um relacionamento único, fundamentado em fortes laços históricos, culturais e económicos, tanto assim que ao longo de dois séculos com monumentais transformações na história do mundo, nunca se colocou em causa, de parte a parte, a singularidade dos elos que nos unem. Aliás, muito pelo contrário: nos momentos mais complexos e de maior perplexidade com que os nossos

países se confrontaram, este elo transatlântico foi um fio de Ariadne que ajudou os nossos povos a encontrarem o seu caminho.

Este fio condutor foi tecido pela história e vive hoje através da riqueza dos nossos laços culturais, desde logo alicerçados na nossa língua comum. Dos mais de 260 milhões de lusófonos, cerca de 200 milhões são brasileiros, e se a língua portuguesa se torna cada vez mais significativa no nosso mundo contemporâneo, em boa medida isso se deve à pujança e vivacidade da língua no Brasil.

É assim natural que ao falar do relacionamento entre os nossos países faça em primeiro lugar referência à nossa política cultural externa, recordando que temos hoje oito Cátedras do Instituto Camões no Brasil, a mais recente inaugurada neste mês de junho em Curitiba, batizada com o nome de José Saramago. Em breve teremos também uma Escola Portuguesa em São Paulo, a primeira do género no Brasil.

Portugal é este ano o país-tema na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, correspondendo a um convite que muito nos honra, e a importância que atribuímos ao evento manifesta-se através da participação na cerimónia de abertura do Senhor Presidente da República.

É com toda a naturalidade que é no Brasil que se acolhe a maior comunidade portuguesa na América Latina, correspondendo aliás à nossa maior rede consular. Deste lado do oceano, não nos surpreende que seja a comunidade brasileira a maior comunidade estrangeira

residente em Portugal. E na nossa diáspora, é um lugar-comum reparar que onde há portugueses há também brasileiros. Não é seguramente por coincidência.

Nesta última década, em parte devido a alterações legislativas, houve uma procura sem precedentes pela obtenção da cidadania portuguesa por parte de nacionais brasileiros, com um impacto importante e ainda por medir no próprio conceito da luso-brasilidade. Sucessivos governos portugueses acolheram de braços abertos esses propósitos, tal como aconteceu em outras décadas do outro lado do Atlântico.

E apesar do hiato imposto pela pandemia, temos hoje uma verdadeira ponte aérea entre Portugal e o Brasil, composta por mais de 74 voos semanais da TAP, sendo causa e consequência de uma dinâmica que renova e reinventa o nosso relacionamento.

Essa dinâmica também se reflete nas relações económicas e comerciais. O Brasil é o primeiro mercado latino-americano para as exportações de bens portugueses e é já o quarto maior destino de exportação de mercadorias (fora da UE). Resta, contudo, a convicção de que o potencial está muito longe de cumprido, e que as saudades do futuro comportam visões de outro perfil para as nossas trocas, um perfil tecnológico, criativo, consentâneo com as transformações geo-económicas globais.

Neste ponto sublinharia o potencial do porto de Sines, cuja relevância estratégica, há muito notada, ganha nova saliência nos tempos conturbados que vivemos.

Acentua-se, neste contexto de perturbação mundial, a sensatez de uma característica central partilhada pelas políticas externas brasileira e

portuguesa, que é a intensa participação em múltiplos quadros multilaterais, no reconhecimento da imprescindibilidade do multilateralismo, da cooperação internacional e de uma ordem mundial baseada em regras.

Portugal encontra-se com o Brasil em cada pilar da política externa portuguesa. Somos atlânticos, somos ibero-americanos e somos lusófonos.

Na dimensão atlântica, Portugal e o Brasil estão unidos por um oceano ao qual reconhecemos relevância crescente, no quadro de desafios novos, complexos e verdadeiramente existenciais.

Uma parte desses desafios pode encontrar resposta no *Atlantic Centre*, instituição da qual Portugal e o Brasil são cofundadores. Uma outra parte dos imensos desafios oceânicos será trabalhado em profundidade na grande Cimeira dos Oceanos que esta cidade de Lisboa acolhe durante a próxima semana. Em qualquer dos âmbitos, novas perspetivas se abrem para a relação luso-brasileira.

No plano da Iberoamérica, Portugal e o Brasil partilham um vasto espaço estratégico com os países de língua castelhana, onde se aconselha sem dúvida uma reflexão conjunta luso-brasileira quanto ao potencial de aproveitamento de oportunidades e geração de sinergias.

O valor da CPLP tem vindo a tornar-se cada vez mais reconhecido internacionalmente - e prova disso é o número cada vez maior de Estados que se tornam observadores associados da CPLP porque querem interagir connosco e reforçar o valor dos laços linguísticos,

culturais e históricos que unem a lusofonia e que criam dinâmicas únicas para o relacionamento com terceiros. Aqui também, urge encontrarmos a convergência de visões e vontades que nos permite potenciar as nossas realidades separadas.

Noutro âmbito, no quadro da União Europeia, Portugal soube sempre utilizar a sua posição a favor do adensamento das relações com o Brasil. Foi durante a Presidência Portuguesa da União Europeia de 2007, que instituímos a Parceria Estratégica com o Brasil, uma parceria que tem sido manifestamente desaproveitada, por uma diversidade de razões, e que retém ainda hoje a capacidade de colocar o Brasil como o grande interlocutor da Europa para a América do Sul.

Para Portugal o delicado contexto atual leva-nos a valorizar, ainda mais, as vantagens mútuas do Acordo entre a UE e o MERCOSUL. Num momento em que a UE procura uma diversificação de fornecedores e de mercados, para assegurar maior autonomia estratégica, o MERCOSUL constitui um parceiro natural, cuja importância não podemos continuar a subestimar.

Minhas senhoras e meus senhores,

Este é um ano especial para o Brasil. Para Portugal, é uma honra associarmo-nos às comemorações do Bicentenário da Independência, participando num conjunto de iniciativas em áreas tão diversas como a cultura, a ciência, a educação e a economia, de que este evento é hoje exemplo.

O futuro não se constrói a partir do nada. É com as raízes sólidas do passado que nos une, e com a vivacidade do presente que vivemos, que podemos constituir um futuro profundamente promissor para as nossas relações bilaterais.

Na saúde, na educação, na ciência e tecnologia, na agricultura, na defesa, na literatura, na música e até no futebol, enfim, praticamente em todos os domínios.

Não posso terminar, aqui nesta Fundação Gulbenkian, sem invocar Eduardo Lourenço, ele que tem obra no Brasil onde também viveu, e é também um dos autores contemporâneos que melhor pensou o tema da nossa identidade cultural.

Ele escreveu, há quase setenta anos, e cito: “Uma comunidade linguística não é um casaco que possa esquecer-se em qualquer canto, é uma pele comum queimada aqui e ali por sóis diferentes”.

Cabe-nos a nós, que vestimos esta mesma pele e que temos a responsabilidade de prosseguir as políticas públicas, estar à altura das expectativas dos nossos povos irmãos, que são tão positivas e ambiciosas.

Muito obrigado.

João Gomes Cravinho
Ministro dos Negócios Estrangeiros